



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação Social

Departamento de Publicidade e Propaganda

ELAS EM BUKOWSKI, UM OLHAR

Brasília

2/2013

NICOLLE BRANDÃO SIMÃO

ELAS EM BUKOWSKI, UM OLHAR

Memória de pesquisa de conclusão de graduação
no curso de Comunicação Social com habilitação em
Publicidade e Propaganda pela Universidade de Brasília.
Orientadora: Profa. Dra. Selma Regina Nunes de Oliveira.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Selma Regina Nunes de Oliveira
Orientadora

Prof. Gustavo de Castro
Examinador

Prof. Wagner Antônio Rizzo
Examinador

Agradecimentos

A meus pais, que me ensinaram o amor e a simplicidade, valores maiores da vida.

À Selma Oliveira, minha orientadora. Exemplo de educadora e mulher.

A Rafael Facundo, grande fotógrafo e amigo incondicional.

A Pedro Santos e às modelos, que tornaram possível o projeto.

A Bruno Simões e Thales Barbosa, meninos em mim.

Resumo

O projeto “Elas em Bukowski, um olhar” é uma releitura, em linguagem fotográfica, de poesias do livro “O amor é um cão dos diabos”, de Charles Bukowski.

A imagem feminina na obra poética de Bukowski se apresenta como problema de pesquisa do trabalho. O velho safado, ao contrário do que muitos pensam, revela, em versos, intenso sentimento pelas mulheres que o habitam. Foram escolhidos seis poemas e, a partir do meu olhar e letras do poeta, ganham cores e caras as mulheres que na poesia de Charles Bukowski alcançaram eternidade.

Palavras-chave: Poesia, Fotografia, Bukowski, Mulher, Lirismo.

Abstract

The project "Elas em Bukowski, um olhar" is a rereading, in photographic language, of poetries from the book "Love is a dog from hell", written by Charles Bukowski.

The feminine image in Bukowski's work is presented as a research job problem. The dirty old man, contrary to what many think, reveals, in verses, intense feeling for the women that inhabit him. Six poems were chosen and, from my look and the poet's letters, earn colours and faces the women that in Charles Bukowski work reached eternity.

Keywords: Poetry, Photograph, Bukowski, Woman, Lirism.

Sumário

1. Introdução	7
2. Problema	9
3. Justificativa	10
4. Objetivos	12
5. Metodologia	13
5.1 Metodologia do processo criativo	13
5.2 Metodologia e poesia	15
5.3 Metodologia e fotografia	16
6. Quadro de referencial teórico	18
6.1 Vida e obra	19
7. Elas em Bukowski	24
7.1 a música suave	24
7.2 brincos enormes	26
7.3 encurralado	28
7.4 uma assassina	30
7.5 castanho-claro	33
7.6 dama melancólica	35
8. Produção e cronograma	38
9. Conclusão	39
10. Bibliografia	41
11. Créditos	42
12. Anexos	43

1. Introdução

Meu primeiro contato com Charles Bukowski foi a partir dos seus contos, só depois descobri o que considero sua melhor contribuição para a literatura: a poesia.

Em minha opinião, Bukowski foi e ainda é, se considerarmos que ainda vive em suas palavras, um homem de instantes. Não é maior nele, como em outros escritores, uma obra fundamentada por construções de pensamento, cada poema seu traz descoberta ao que vemos todo dia, ao rotineiro. Dessa forma, não há melhor formato para expressão do seu universo do que a poesia. Quando faço essa afirmação não entro no mérito dos seus contos e romances, mesmo porque, não me julgo em autonomia nesse outros dois estilos. Apenas me é absoluta a sensação de que o velho Buk via o mundo em versos.

A maioria das pessoas que conheço, diferentemente de mim, primeiro conheceu a fama do poeta, para depois conhecer sua obra. Assim, o que são características dele, mas não únicas, desenham, no imaginário das pessoas, um homem imaturo e insensível. Como fazer esse julgamento de um dos maiores amantes da literatura norte-americana? Em “*Born into this*”, documentário sobre a vida do poeta, Bukowski lança: esqueça a imagem, eu tenho um coração. Vamos esquecer o mito e sentir o louco apaixonado de cruas palavras.

O problema de pesquisa é, justamente, o amor maior do poeta, as mulheres, em sua poesia. Um conhecimento não aprofundado de sua obra leva muitos leitores à confusão do que elas possam ter significado para ele. Com o objetivo de trazer à tona o lirismo muitas vezes não percebido em seus poemas, para o projeto, seis de suas mulheres foram materializadas em linguagem visual. Essas representações intentam novos horizontes à construção imagética e, também, simbólica da mulher em Bukowski.

O trabalho, por sua vez, autoral, não buscou a representação ideal do universo feminino do poeta e sim um olhar, entre os inúmeros que seus versos acendem. Dessa maneira, o pesquisador é instrumento-chave e a interpretação dos fenômenos e atribuição de significados se fazem fundamentais no processo.

Dou fim à introdução com trecho de uma das poesias do livro em estudo. Vejo-a análoga a imagem de Bukowski se olhando no espelho, um julgamento dele sobre si mesmo: a expressão do marginal, do obsceno consumida pelo amor, parte dele. O poeta maior que o próprio mito.

"[...]nenhum homem é
invencível.
algum dia
vão considerá-lo louco pelo
olhar como num desenho a lápis feito por uma
criança. você não conseguirá
beber um copo
d'água ou cruzar um
quarto. haverá as
paredes e o som das
ruas lá fora, e
você ouvirá metralhadoras
e tiros de morteiro. isso se dará
quando você quiser, mas não
puder ter.

os dentes
nunca são por fim
os dentes do amor."

2. Problema

Quando lemos uma peça escrita, invariavelmente, imaginamos o ambiente, as personagens. Nossa concepção nunca é a mesma do criador, mesmo que ele nos conduza ao máximo de detalhes, estes surgem de referências que, muito dificilmente, para não dizer impossível, são as mesmas. Apesar da mesma forma de processar as imagens, os olhos, a interpretação do que vemos é resultado de uma soma de experiências pessoais e intransferíveis, que vão desde conhecimentos acadêmicos a simples vivências em uma caminhada que fazemos. “Nosso próprio olhar é também fruto de uma construção com potenciais e limites definidos, uma construção dependente de pontos de vista física e culturalmente instituídos, dependente da proximidade ou distância físicas e ideológicas que estabelecemos com os objetos percebidos.” (Santaella, 2005: 22)

Partindo disso, as mulheres de Bukowski são, a partir do momento que lemos, também nossas. E a nós surge a responsabilidade por elas. Como antes disse, muitos conhecem o mito de Bukowski para depois conhecerem a poesia, assim, antes mesmo dos versos e a interpretação deles, o leitor citado já tem uma imagem preconcebida da mulher em Bukowski. Não há como desconstruir o mito do poeta e nem há motivo para isso. Para que retirar a capa desse herói? A garrafa de sua mão? Mas o projeto busca uma maior sensibilidade à obra de Charles Bukowski. Olhos despertos para o cão dos diabos de sua poesia.

3. Justificativa

Quando da releitura de uma obra literária, invariavelmente, há a utilização do conhecimento comunicacional; tanto o acadêmico, quanto o inato ao ser humano. O presente projeto se faz importante na medida em que identifica a comunicação na obra poética literária. Sem a qual não seria possível a interpretação, ponte entre o poeta e o leitor.

Já a fotografia para materialização do projeto, mais uma vez, acende a comunicação como base dos universos artísticos. Por fim, o próprio diálogo entre literatura e fotografia afirma, novamente, a comunicação como fundamental no projeto; como ferramenta e objeto de estudo.

São várias as razões que me levaram ao estudo em questão, a primeira delas é minha afinidade pela linguagem poética em si. Antes da decisão, cheguei a pensar em outros temas, mas nenhum me satisfaria tanto como a poesia. Em segundo lugar, está o meu crescente interesse pela fotografia, principalmente, por, “reproduzir ao infinito o que só ocorre uma vez”, segundo Roland Barthes em seu livro “A Câmera Clara” (1984: 13). E dessa afirmação parte a mais importante conexão das duas artes envolvidas no projeto, poesia e fotografia: ambas apresentam o momento eterno. Elas trazem à pele a flor. Sentimentos, pareceres tão subjetivos e breves que se prolongados perderiam seu significado. A fotografia está para a poesia, assim como o filme esta para a prosa. Podemos falar do mundo inteiro em outras linguagens, mas se é a centelha que se quer, que seja em versos e letras de luz.

A vez primeira que li a poesia de Bukowski soube que ela me seria ainda mais que literatura. Os versos do poeta escolheram a mim e não o contrário, sua forma de contar o mundo é uma extensão das minhas vivências e interpretações. Extensão desperta e, agora, concreta no presente projeto.

Após definir a obra poética de Bukowski como universo temático da pesquisa, não foi difícil escolher a fotografia como a tinta disso tudo. No parágrafo acima justifiquei a fotografia em sua relação com a poesia e, além disso, queria apresentar um resultado visual, o que justifica a escolha pelo produto. Não há melhor expressão escrita da obra de um poeta do que ela própria, dessa forma, escolhi a imagem fotográfica objetivando despertar visualmente o leitor para as palavras de Charles Bukowski. Essa opção também é importante em vista o nosso caminhar para uma sociedade, cada vez mais, dominada pela proliferação de imagens. Não se pretende desprezar ou minimizar as especificidades da literatura em detrimento da

fotografia, apenas estabelecer uma ponte entre as duas áreas, que há tempo já dialogam. A autora Lucia Santaella, em seu livro “Por que as comunicações e as artes estão convergindo?” fala da impossibilidade de separação entre as comunicações e as artes, uma indissociação que cresceu através dos últimos séculos para atingir um ponto culminante na contemporaneidade. (2005: 7-8). Segundo Santaella, “Convergir não significa identificar-se. Significa, isto sim, tomar rumos que, não obstante as diferenças, dirijam-se para a ocupação de territórios comuns, nos quais as diferenças se roçam sem perder seus contornos próprios” (2005: 7-8). Empréstimos, influências e intercâmbios ocorrem em ambas as direções.

O último e decisivo aliado para minha escolha tem nome e sobrenome. Rafael Kohlrausch Facundo, também, aluno e formando da Faculdade de Comunicação da UnB é um grande fotógrafo de Brasília que tenho a satisfação de ter como amigo. Assim que apresentei a ideia, ele demonstrou profundo interesse pelo projeto e aceitou participar com a fotografia, iluminação e pós-produção. Etapas de fundamental importância para o desenvolvimento e elaboração do trabalho.

4. Objetivos

O objetivo do presente projeto é interpretar, para a linguagem fotográfica, os poemas de Charles Bukowski como resultado do Projeto Experimental de conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

É objetivo, também, incentivar e difundir a produção artística local inscrevendo posteriormente o projeto em editais, para exposição em galerias, universidades, internet e outros meios de veiculação.

5. Metodologia

A metodologia de pesquisa adotada é de abordagem qualitativa interpretativa. Para realizar o estudo recorreu-se à pesquisa biográfica, escolhendo-se o livro “O amor é um cão dos diabos”, do poeta Charles Bukowski, como objeto de estudo.

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. O objeto deixa de ser tomado como um dado inerte e neutro e o sujeito é considerado parte integrante do processo de conhecimento, atribuindo significados àquilo que pesquisa. A imersão do pesquisador no contexto é uma principal característica dos métodos qualitativos. Para aprendê-los é preciso aprender a observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas e entre pessoas e sistemas. (Liebscher, 1998). Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é um interpretador da realidade. (Bradley, 1993)

A pesquisa biográfica centrou-se no próprio livro objeto de estudo; na biografia do poeta; nas poesias selecionadas de Bukowski do livro “O amor é tudo que nós dissemos que não era”; no livro “Os 25 melhores poemas de Charles Bukowski”; no documentário, “*Born into this*”, sobre a vida do poeta e nos filmes “*Barfly – condenados pelo vício*” e “*Crazy Love*”, baseados na vida e obra do poeta.

5.1. Metodologia do processo criativo

Do livro “O amor é um cão dos diabos” foram feitas leituras a fim de selecionar dentro do universo de suas poesias, as que melhor e mais diversamente representassem as mulheres na vida de Charles Bukowski. Dessa forma, após sucessivas e detalhadas leituras, de um total de cento e sessenta poesias, cheguei ao número de vinte e sete, para, depois, atingir o ideal inicial de seis. Quantidade que penso áurea, tanto para o tempo de produção que dispunha, quanto para representação de um universo conjunto meu e do poeta. O papel da mulher e a presença de diálogos no poema, característica frequente na obra poética de Bukowski, foram os critérios base no processo de seleção das obras. Optei pelas poesias em que a mulher descrita é personagem principal e os diálogos inexistem. Esta última escolha se justifica pelo maior espaço à descrição que há poesias ausentes de diálogo.

Depois de selecionadas as seis obras do projeto, o passo seguinte consistiu no *casting* das modelos/ personagens para as fotografias. Ao ler cada poesia, pensei, primeiramente, não

em um perfil estético, mas na personalidade da mulher retratada. Dessa forma, não busquei uma representação totalmente fiel às mulheres do poeta, até porque, elas são um pouco minhas. Não fui, também, contra os perfis descritos. Quando, por exemplo, o poeta menciona e enfatiza o cabelo loiro de uma das mulheres, especificamente, na poesia “uma assassina”, eu direcionei a seleção para um perfil feminino loiro. Quero dizer que tomei a liberdade, quando possível, de fugir um pouco aos estereótipos esperados. Mesmo porque essa é a proposta principal do trabalho: mostrar as mulheres em Bukowski de outro ângulo, revelar o lirismo de suas pernas cruzadas, algo que vai muito além do próprio sexo. Alusão, esta última, feita pelo poeta em vídeo e exibida no documentário “*Born into this*”.

Assim, optei por perfis neutros e na direção das personagens foi que concentrei a dramaticidade e o significado poético proposto pelo projeto. Para efetiva expressão cênica nas personagens, selecionei mulheres do meu grupo de vivência, uma vez que conhecia a natureza das escolhidas a nível bastante para percebê-las as amantes dos seis poemas contemplados.

A faixa etária das modelos é, praticamente, a mesma, de vinte a trinta anos de idade. Apesar da ciência de muitas das mulheres de Bukowski apresentarem idade superior a essa faixa, priorizei, como dito acima, a expressão cênica e simbólica nas representantes femininas. Na minha concepção, para a elaboração desse trabalho, o perfil estético das modelos é o menos importante. Poderia transpor o mesmo sentimento com perfis totalmente diferentes ou, mesmo, com uma única modelo. E é justamente para isso que busca nos despertar o trabalho: para além da pele das mulheres do poeta. É pela carnalidade que Charles Bukowski torna sua poesia universal, mas é pelo seu universo particular, marginal e amante que ele deita ao nosso lado cada mulher de sua poesia.

Outro ponto importante, não somente na metodologia do processo criativo, mas para a característica qualitativa do projeto é a minha participação como uma das modelos. Na pesquisa qualitativa, o processo e seu significado são os focos principais de abordagem e, como já mencionado acima: a imersão do pesquisador no contexto e a perspectiva interpretativa de condução da pesquisa são suas principais características (Kaplan & Duchon, 1988). Dessa forma, minha experiência como uma das personagens, contribuiu na complementação e desenvolvimento do projeto. Além disso, me habitava, e não deixará de habitar, o desejo de viver uma das mulheres de Charles Bukowski.

5.2. Metodologia e Poesia

A presente parte da metodologia consiste em explicar o processo de concepção e conceitos gerais pensados para as releituras. Após a escolha das poesias, fiz a análise de cada uma consecutivamente, dessa forma, partia para a próxima apenas quando finalizada a fotografia da anterior, última etapa do processo.

Na leitura, procurei separar os elementos visuais e simbólicos de cada poema. Enquanto os visuais referem-se a elementos-chave estéticos na composição da foto, os elementos simbólicos dizem respeito, basicamente, a personalidade das mulheres ou atmosfera do ambiente descritos. A partir desses elementos, palavras ou expressões, montava uma cena em minha cabeça para, depois, fazer leiautes da mesma. Importante dizer que os cenários escolhidos foram pensados complementares às mulheres, logo, é fundamental a importância desses na construção da personalidade de cada personagem.

Na idealização do projeto pensei as fotos não como simples traduções dos poemas. Por exemplo, uma foto de uma mulher penteando o cabelo para uma poesia que descreve exatamente isso. Essa minha opção se justifica, primeiramente, porque não concebo a linguagem poética de Bukowski como uma simples cena captada pelos olhos. Obviamente, cada poesia é fruto de uma imagem que o poeta experienciou ou pensou, mas a partir do momento que se tornou poesia, elementos lhe foram adicionados e é aí que reside o encanto. Mesmo que o poema descreva uma cena cotidiana, principalmente nesse caso, há elementos, sejam na forma ou conteúdo, que o enquadram no universo poético.

O segundo motivo que me levou a uma releitura, pode-se dizer, lúdica é o lirismo que idealizei para as fotos, justamente porque a intenção maior do projeto é acender um lirismo desconhecido por muitos na obra do poeta. Uma simples reprodução, mesmo que bem produzida, da realidade descrita no poema, provavelmente, confirmaria os olhos de Bukowski aos olhos da multidão que o desconhece. Sendo assim, todas as fotos agregam um símbolo lúdico à sua linguagem. Símbolos que apresentarei na explicação adiante que farei de cada foto.

As seis fotos apresentam formato horizontal, uma vez que, para maior fidedignidade, pensei no enquadramento que fazem nossos próprios olhos. Dessa forma, sutilmente, introduzi o olhar do próprio Bukowski para as suas mulheres. Além disso, o formato horizontal apresentava maior exequibilidade para as ideias e elementos de cada foto. Logo no

início, questioneei a fotografia em preto-e-branco para o projeto, opção, muitas vezes, mais agregadora. Porém, a cor se fazia fundamental visto as diversas personalidades das mulheres e do próprio poeta, que em vários de seus poemas faz alusão direta às cores, nos revelando sentimentos. Por fim, para um ensaio equilibrado, pensei três fotos com plano mais fechado e três com um plano mais aberto, de corpo todo.

5.3. Metodologia e Fotografia

A linguagem fotográfica aplicada tem a intenção de retratar as mulheres com prioridade, destacadas pela iluminação e, ao mesmo tempo, valorizar as locações, que ajudam na criação da atmosfera de cada cena.

Na maioria das imagens foi utilizada uma abertura de diafragma de f8 até f16, o que resulta em uma alta profundidade de campo, para ter uma boa nitidez de todos os planos. A sensibilidade do sensor, ISO, foi mantida a menor possível, já a velocidade variou bastante, pois houve cliques realizados à noite. Porém, os cliques diurnos, em ambientes abertos, tiveram alta velocidade de exposição, justamente para não equalizar a luz artificial de flash com o ambiente. A prioridade foi deixar o ambiente levemente sub exposto, para dar um ar mais teatral e cenográfico à imagem final.

O equipamento utilizado foi o mesmo em todas as fotos, da marca Nikon, duas fontes de luzes artificiais, para iluminação contamos com dois flashes dedicados, um do modelo SB-900 e um SB-910, um softbox pequeno para flash, uma sombrinha difusora grande que resulta numa luz parecida com de um octobox, um rebatedor, rádio flash da marca Yongnuo, uma câmera D600 full frame com objetiva 24-85mm f/3.5-4.5 VR, tripé e monopé da marca Manfrotto.

O tratamento de imagem variou de acordo com leitura emocional de cada poesia, pois ele ressalta a sensação escolhida para a narrativa, com ajustes de temperatura, cor, nitidez, exposição, altas luzes, médios tons, sombras, contraste, claridade, vibração, vinheta, correção de aberração cromática, tonalidades, níveis de curvas, entre outros. No geral, não houve muitas manipulações de imagem, apenas algumas para limpar ruídos como reflexos, parte de tripés ou iluminação em quadro, pequenos detalhes que não interfeririam na leitura da cena como um todo.

A iluminação das fotografias não é apresentada como um simples elemento de composição. Eu e os fotógrafos optamos pela iluminação Rembrandt ou iluminação 45 graus, caracterizada por um pequeno triângulo e um leve escurecimento da pálpebra na face escura do modelo. Nessa iluminação, a luz principal é posicionada lateralmente, 45 graus, próxima à linha dos olhos. Já a luz de preenchimento é posicionada do lado oposto da luz principal e próximo ao eixo da câmera. O preenchimento foi feito por flash e sombrinha. Vários fotógrafos renomados como Mario Testino, Inez & Vinoodh, Steven Meisel foram responsáveis pela propagação da luz Rembrandt. A carga dramática e a beleza estética dessa iluminação nos fizeram optar por ela.

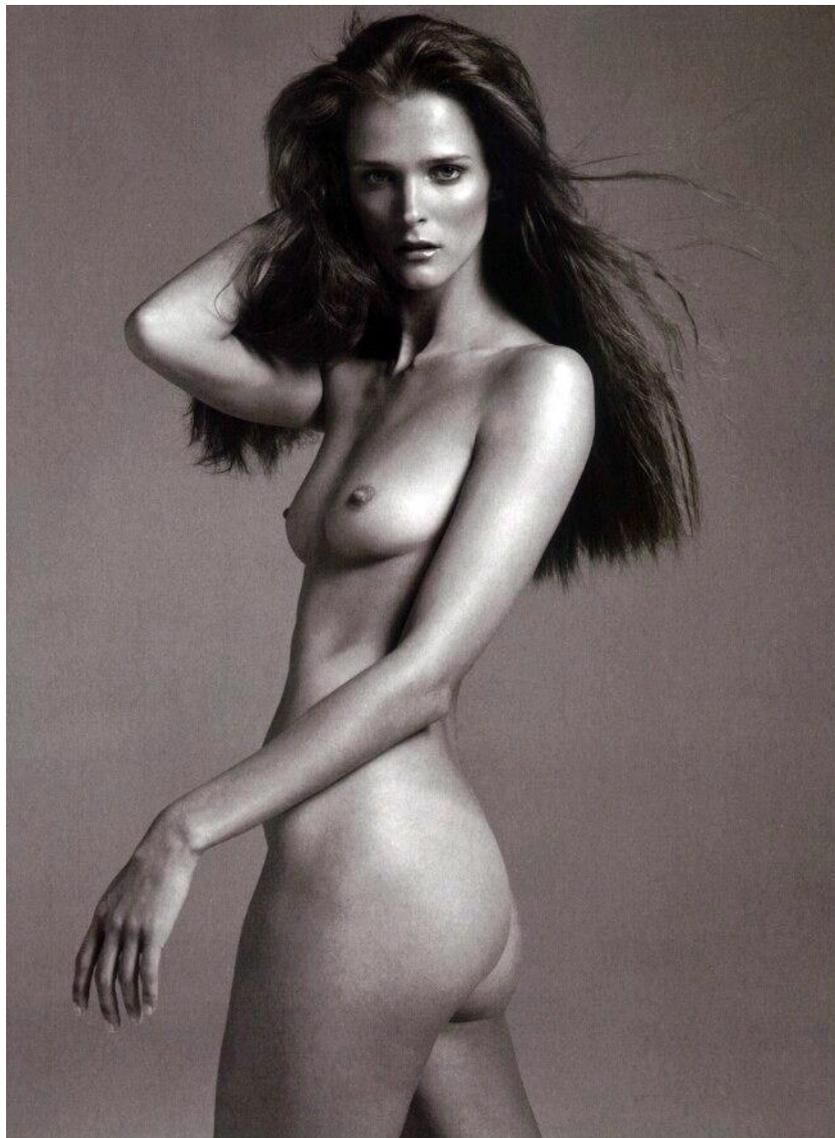


Figura 2 – Luz de Rembrandt, por Inez & Vinoodh. Fonte: Sítio www.thequietfront.com

6. Quadro Referencial Teórico

O projeto “Elas em Bukowski” constitui-se interdisciplinar. Dessa forma, as referências estudadas envolvem as áreas da Comunicação, Literatura e Fotografia.

No campo comunicacional, foi feita a leitura dos livros: “Por que as comunicações e as artes estão convergindo”, de Lucia Santaella; “O que é contracultura?”, de Carlos Alberto Pereira, com ênfase no conceito e características da Geração Beatnik e “Comunicação e Pesquisa”, de Lucia Santaella, com foco na pesquisa comunicacional, seus métodos e tipos.

Na Literatura, “Seis propostas para o próximo milênio”, de Ítalo Calvino, foi o livro consultado para melhor compreensão do universo literário interpretativo.

O capítulo “Pequena história da fotografia”, do livro “Magia e técnica, arte e política”, de Walter Benjamin e o livro “A Câmera Clara”, de Roland Barthes, foram referências teóricas para conhecimento no âmbito da Fotografia.

6.1. Vida e Obra

"apenas mais um velho maluco
 com asas de ouro
 uma pança branca e flácida
 mais
 um par de olhos capaz de nocautear
 o sol"

(O amor é um cão dos diabos, 218)

Filho de soldado americano, Henry Charles Bukowski nasceu na Alemanha e mudou-se com os pais, ainda criança, para Los Angeles. Extremamente autoritário e frustrado, o pai descontava nele os seus problemas, espancando-o pelos motivos mais banais. O tratamento lhe deixou traumas, que foram intensificados pela grave acne que lhe surgiu na adolescência. Foi, então, na leitura que o jovem encontrou refúgio desse mundo. Teve Hemingway, Dostoiévski e Fante como principais influências.

Começou a escrever poesia aos 15 anos, no entanto, seu primeiro livro foi somente publicado em 1955, aos 35 anos de idade. Estreou na prosa em 1962, trabalhando a descrição de sua vida pessoal. Ao todo, foram mais de cinquenta livros, além de milhares de publicações baratas.

Os produtos de suas noites de escrita eram enviados para inúmeras publicações literárias independentes nos EUA, que frequentemente recusavam o material. No entanto, a editora de uma das revistas, Barbara Frye, acreditou no potencial e genialidade do escritor. Bukowski e Frye começaram a se corresponder e, tão logo, se casaram. A, também rápida, separação fez surgir seu alterego Henry Chinaski, imagem que o tornaria famoso.

A capacidade de fazer da rotina poesia e transformar em arte suas angústias e amores é sua principal marca e verdadeira magia. Bukowski passou a vida nos becos dos EUA compondo toda a sua obra. Foi o escritor dos despossuídos, das pessoas que não tinham voz, olhava pros cantos escuros onde ninguém queria ir.

Empregado dos Correios até quase 50 anos de idade, Bukowski sempre sonhou com o seu reconhecimento como escritor. Afundado no alcoolismo e cigarro e com a máquina de

escrever à mão, sem censura alguma, deixava fluir seus pensamentos. Ele vivia em um mundo atormentado e distorcido, completamente fora dos padrões estabelecidos pela sociedade. O escritor nunca escondeu que seus trabalhos eram, quase sempre, autobiográficos. Los Angeles, suas ruas e decadência, foi sua maior influência, tratando de histórias com temas cotidianos, misturando assuntos como corridas de cavalo, bebedeiras e prostitutas.

Sua obra surtiu tanto efeito que alguns contos e romances foram adaptados para a grande tela. O próprio Bukowski, inclusive, recebeu inúmeros convites para escrever roteiros, apesar de deixar claro que não gostava muito de filmes. Uma verdadeira paixão, além da própria literatura, era a música clássica. Elemento muito presente em suas obras. Guardo um espaço especial para falar das mulheres em sua vida.

Nos anos de 1980, Bukowski usufruiu de certa fama, convivendo com artistas e tornando-se uma celebridade. Em nove de março de 1994, aos 73 anos, morreu vítima de leucemia, deixando única filha. Em sua lápide pode ser lida a frase "Don't Try".

Na década de 60 chegou ao auge, nas camadas médias urbanas da juventude dos Estados Unidos, o movimento da contracultura, como forma de questionamento aos valores centrais vigentes e instituídos na cultura ocidental. O fenômeno, de caráter anárquico e marginal, pregava a criação de um mundo alternativo e tinha a filosofia oriental, especulação metafísica, hedonismo primitivista e misticismo irracionalista como bases.

É vital a importância dos meios de comunicação de massa na configuração do movimento, “pela primeira vez, os sentimentos de rebeldia, insatisfação e busca que caracterizam o processo de transição para a maturidade encontram ressonância nos meios de comunicação” (Carvalho, 2002, p.7)

Um dos primeiros movimentos da contracultura surgiu ainda na década de 50: a Geração Beat. Jovens intelectuais, principalmente artistas e escritores que contestavam o consumismo, o otimismo do pós-guerra e a falta de pensamento crítico. Os membros da Geração beat rapidamente desenvolveram uma reputação como os novos boêmios hedonistas que celebravam a não-conformidade e a criatividade espontânea. Seus grandes representantes foram Allen Ginsberg e Jack Kerouac. Formalmente, a poesia beat se aproxima bastante da poesia surrealista. Já a prosa de "On the road", de Kerouac, é simples, espontânea e politicamente corajosa.

O velho safado tem sido equivocadamente identificado na Geração Beat, por temas e estilo correlatos, mas sua vida e obra não caracterizaram essa tendência. "Bukowski foi mais

direto que os beats, não tinha tempo para metáforas" é trecho de um dos depoimentos sobre o poeta, em "Born into this". Bukowski veio antes da subversão, da intenção. Ele não precisou voltar-se aos marginalizados, pois os era propriamente. Foi o homem das ruas escrevendo para pessoas das ruas.

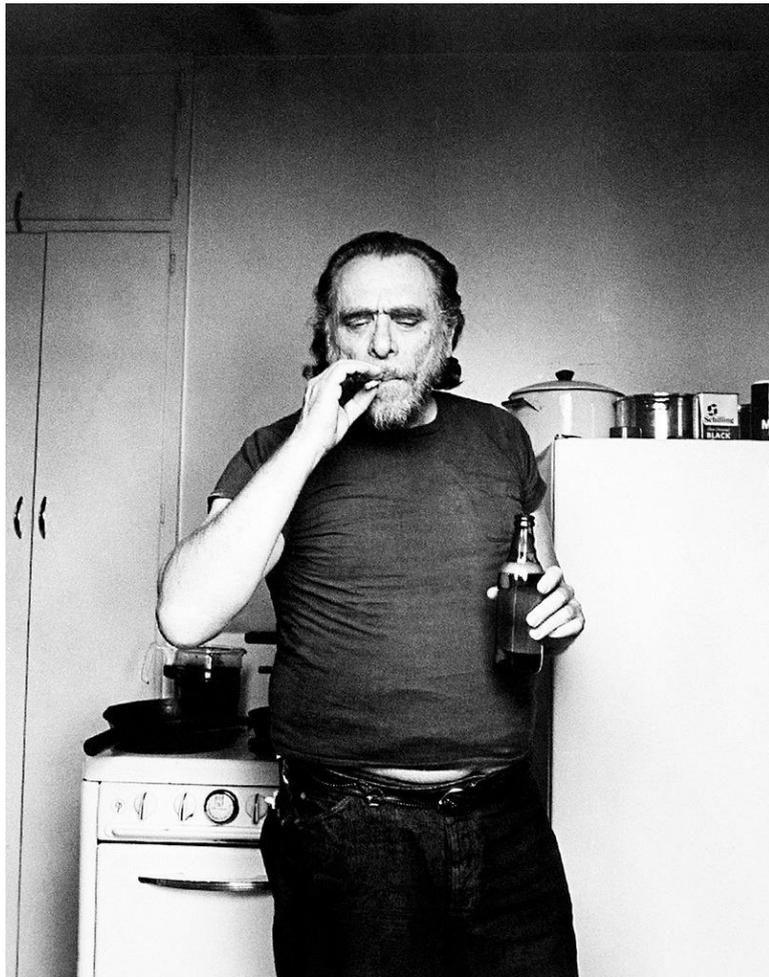


Figura 1 - Charles Bukowski. Fonte: Sítio static.squarespace.com

P
O
E
S
I

A Muitos confiam à Bukowski a libertação da poesia americana de seus clichês acadêmicos. Em sua obra poética não há preocupação com a forma, seus poemas são uma série de sentenças quebradas em uma longa e estreita coluna, o que confere ritmo, mesmo que a linguagem seja sentimental ou, até, clichê. O humor, por vezes cáustico, também é marca em muitas de suas poesias. Apesar da linguagem direta, imagens sexuais e, muitas vezes, agressivas, o poeta alcança o lirismo de forma sutil e extasiante.

"por Deus, não sei o que fazer

É certo que a relação de Bukowski com as mulheres foi sempre controversa, chegando, inclusive, a ser acusado de misoginia. Mas é inegável, a partir do conhecimento de sua obra, a intensidade do seu sentimento por elas. Houve sim mulheres que lhe inspiraram poemas satíricos, violentos, afinal, elas também faziam parte da marginalidade que o poeta descrevia. Ele não amou todas, odiou algumas, foi indiferente a muitas, mas assim somos todos. Bukowski conheceu o amor. Sua poesia é a primeira e última certeza disso.

elas amaciam um homem e depois o deixam escutando a chuva."



Figura 2 – Elas em Bukowski. Fonte: Sítio keyynmalone.blogspot.com.br

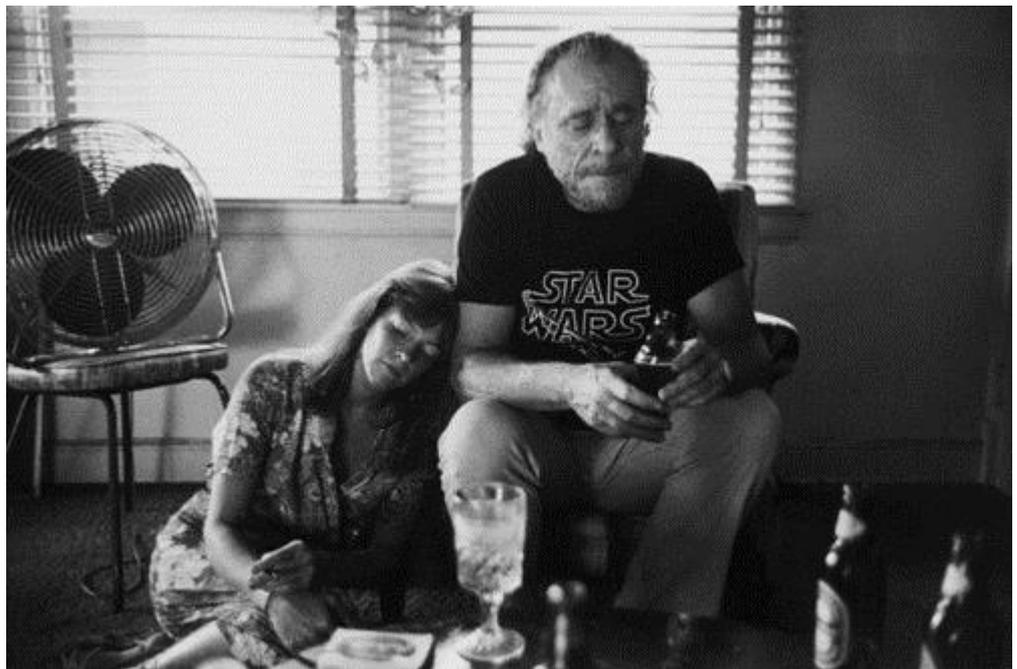


Figura 3 – Elas em Bukowski. Fonte: sítio <http://3.bp.blogspot.com>

7. Elas em Bukowski

7.1. a música suave

vence o amor porque nela não há
 feridas: pela manhã
 a mulher liga o rádio, Brahms ou Ives
 ou Stravinsky ou Mozart. ferve os
 ovos contando em voz alta os segundos: 56,
 57, 58... descansa os ovos, os traz
 para mim na cama. depois do café da manhã é
 a mesma cadeira e ouvir a música
 clássica. A mulher está no seu primeiro copo de
 scotch e no seu terceiro cigarro. digo-lhe
 que preciso ir ao hipódromo. ela
 está aqui há 2 noites e 2 dias. "quando
 voltarei a vê-la?" pergunto. ela
 sugere que fique a meu critério.
 aceno com a cabeça e Mozart toca.

“Vence o amor porque nela não há feridas”, depois deste verso Bukowski descreve a manhã com a amante e termina o poema com a mesma leveza que a própria personagem ocupa sua casa. Em formato, entre as seis escolhidas, “a música suave”, é a poesia de ritmo menos rápido, quase não percebemos o seu final e, logo após este, voltamos ao verso inicial. O primeiro verso é síntese do sentimento geral do poema.

A frequente referência à música clássica na poesia afirma a suavidade dessa primeira representante feminina. Como dito antes, é indelével a afinidade de Bukowski com a música erudita e as referentes citações no poema transmitem ao leitor, não somente um ambiente, mas o estado de espírito do poeta marginal na presença da amante. A poesia revela uma mulher leve, desprendida e, até mesmo, contemplativa, particularidade que pode ser bem observada na sua atitude de sentar à cadeira e ouvir música.

Concepção

O conceito geral dessa poesia me despertou a ideia de uma mulher que na casa do amante sente o mesmo peso de quando está na rua: o peso da leveza. Dessa forma, parti de uma relocação da personagem em um ambiente sem paredes e, no próprio entendimento do poeta para essa poesia, sem amarras. A decisão por uma locação na natureza se justifica pelo caráter leve da poesia e, também, pela forte presença da música clássica, que remetem a um ambiente sereno e exuberante.

A escolha do nascer do sol para composição da imagem está intrinsicamente ligada à expressão “sem feridas”, que resume a natureza da personagem feminina e significa algo novo, recém-nascido.

Nessa releitura o objetivo das cores não é contrastar, a paleta da composição dialoga com a harmonia transmitida pela poesia. Já a contraluz, aliada à cadeira de balanço, intenciona uma impressão sonora à imagem, justamente por essa relevância sensorial na poesia.

O quadro foi pensado com paredes invisíveis, procurou-se congelar o momento final da poesia, em que o poeta está à porta, e trazer à tona a imagem aos olhos dele. Por fim, buscou-se um semblante contemplativo para a mulher, como se ela fosse personagem de uma pintura: próxima e distante de quem vê.

7.2. brincos enormes

saio para buscá-la.

ela está em alguma missão.

ela está sempre cheia de missões

muitas coisas pra fazer.

nunca tenho nada pra fazer.

ela sai de seu apartamento

vejo-a se aproximar do meu carro

ela vem descalça

vestida de modo casual

exceto pelos enormes brincos.

acendo um cigarro

e quando ergo os olhos

ela está estirada no meio da rua

uma rua bastante movimentada

todos os seus 50 quilos

tão magníficos quanto qualquer coisa que você possa

imaginar.

ligo o rádio

e espero ela se levantar.

ela o faz.

abro a porta do carro.

ela entra. afasto-me do cordão da

calçada. ela gosta da canção que toca na rádio

e aumenta o volume.

ela parece gostar de todas as canções

ela parece conhecer todas as canções

cada vez que a vejo ela parece ainda

melhor

200 anos atrás eles a teriam queimado

em um poste

agora ela passa seu

rímel enquanto nosso

carro segue adiante.

Entre as poesias, a maior declaração. Acompanhamos o poeta, em seu carro, à espera da mulher que segundo ele “está sempre cheia de missões”. Já no primeiro verso, Bukowski nos mostra uma amante de aura mais leve. Essa leveza não implica apatia da personagem, tanto que, no decorrer do poema, de maneira sutil, o poeta nos revela sua loucura. Nessa obra, a leveza é perceptível, também, no próprio escritor. Entre os seis poemas contemplados, “brincos enormes” é o de sentimento mais próximo ao amor romântico: uma loucura bonita, um estar descalça, um cigarro no cair da tarde.

Concepção

O conceito utilizado para escolha da locação tem base principal no verso, para mim, síntese do poema “200 anos atrás eles a teriam queimado em um poste”. Dessa forma, concebi um ambiente aos destroços para esta releitura, a fim de remeter a um ambiente de inquisição. Como a poesia é dual no sentido da leveza e, ao mesmo tempo, poder da personagem, concentrei a interpretação cênica da modelo para uma expressão leve, quase um jogar-se ao chão - como no próprio poema – combinada a um semblante de onipotência.

Ao fundo do quadro, há a presença de uma escada iluminada que dá liga à narrativa da própria obra, onde a amante sai do apartamento para encontrar o poeta. A paleta de cores insinua um tom púrpura, cor símbolo do amor para o poeta, muito usada nas poesias do gênero no livro “O amor é um cão dos diabos”.

7.3. encurralado

não dispa o meu amor
 você pode encontrar um manequim;
 não dispa um manequim
 você pode encontrar
 o meu amor.

ela há muito tempo
 me esqueceu.

ela experimenta um novo
 chapéu
 e parece mais
 coquete
 do que nunca.

ela é uma
criança
e um manequim
e
é a morte.

não tenho como odiar
isso.
ela não faz
nada fora do
comum.

queria apenas que ela
fizesse.

A primeira estrofe da poesia já nos mostra a confusão pela qual passa o grande poeta, ao trabalhar uma inversão, ele nos revela, como no título, sua situação de encurralado. A personagem feminina desse poema é apresentada como uma mulher manequim ou, como nos moldes do poeta, um manequim mulher. A qualidade de inerte é adquirida por ela, segundo o poeta, apresentar nada além de beleza e indiferença. É interessante notar que na própria poesia é possível perceber o pouco que Bukowski, realmente, conta sobre sua manequim, os versos se desenvolvem em palavras usadas para definir o vazio, como se o poeta de Los Angeles escrevesse o plástico de que é feita essa mulher oca. “ela é uma criança e um manequim e é a morte” talvez o trecho de maior peso em “encurrulado”, onde o poeta a partir de extremos, começo e fim, inocência e culpa, expressa o sentimento que a manequim o provoca.

Concepção

Nessa releitura, parti do título para construir o ambiente visual da peça. Foi escolhida uma locação com espelhos, uma vez que multiplicaria a modelo deixando o leitor encurralado por ela. Também, quando se pensa em manequim pensamos em vitrine e pluralidade, o que, novamente, é elevado pelo conceito dos espelhos.

A paleta de cores se faz interessante uma vez que, a partir da dualidade quente e fria, dialoga com ambiguidade, criança e morte, da personagem. Tanto a expressão corporal da modelo, a expressão facial e, até mesmo, a nudez foram pensadas para representar fielmente uma manequim, de semblante nulo e contente. O olhar da modelo está direcionado para a câmera, assim, em meio a múltiplas mulheres e seus olhares, o jogo de confusão é mantido. O elemento de maior ludicidade nesse quadro se apresenta na mão direita da modelo. Para que um espelho quando se está na frente de outro? As várias interpretações ilustram o caos que já antecede a poesia. O espelho menor nos revela um olhar perdido e, talvez, o verdadeiro da personagem. Como o próprio poeta, perdido no mistério sem mistério, sussurra: “ela não faz nada fora do comum”.

7.4. uma assassina

A consistência é impressionante:

boca fedorenta

podre por dentro e

um corpo quase perfeito,

uma longa e luminosa cabeleira loira -

que confunde a mim

e aos outros

ela segue de homem em homem

oferecendo carícias

ela fala de amor

então submete os homens

à sua vontade

boca fedorenta

podre por dentro

vemos isso tarde demais:

depois que o pau é engolido

o coração vai atrás

sua longa e luminosa cabeleira

seu corpo quase perfeito

caminha pela rua

debaixo do mesmo sol

que banha as flores.

Entre os seis poemas escolhidos, esse é o de linguagem e imagem mais pesadas. Bukowski não poupa adjetivos na descrição da mulher do poema. Usando o artifício da repetição - influência de seu, segundo ele, mestre Fante – o poeta realça a natureza de vampira dessa amante passageira. Apesar do vocabulário vulgar, o lirismo está presente na obra: as duas analogias no decorrer de “uma assassina” revelam seu sentimento irracional pela loira descrita.

Impressiona a qualidade sinestésica dessa obra. Palavras como “podre”, “luminosa”, “sol” e “flores” envolvem o leitor em sensações, tal como a própria personagem faz a quem encontra pelo caminho. O título da obra é referência ao poder dessa figura que pelos versos de Charles Bukowski faz de nós, também, vítimas.

Concepção

Estágio no Mercado Sul em Taguatinga, conhecido como beco da cultura. Foi da janela do meu estúdio que percebi a locação para esta foto. Ao ler “uma assassina” não imaginava algo senão um cenário cru em contraste com a luminosidade da personagem abordada. A opção por uma casa ainda em cimento revela, de forma sutil, a própria mulher do poema: nada mais que tinta sob uma superfície mal acabada. A locação seria, no entendimento dessa releitura, a própria casa da personagem. Um elemento de grande importância na locação do cenário é a porta deslocada. Como uma porta que não leva à saída, mas ao fim da linha. A posição e localização da modelo foram pensadas para representá-la entre lar e rua, trabalhar, justamente, o seu não pertencimento a lugares ou pessoas.

As bandeirolas e plantas presentes no foto são elementos de interpretação, especificamente, da palavra “flores”. Palavra única, mas de significado forte na expressão total do poema. Por fim, procurou-se centrar a expressão cênica e figurino da modelo no sentido de insinuar um amante próximo a ela. Fica a incerteza se o seu direcionamento corporal está voltado para quem passa ou se denuncia um corpo que acaba de cair.

7.5. castanho-claro

um olhar castanho-claro

esse estúpido, vazio e maravilhoso
olhar castanho-claro.

darei um jeito
nele.

você não precisa mais
me enganar
com seus truques
de Cleópatra
de cinema

já se deu conta
de que se eu fosse uma calculadora
eu poderia entrar em pane
registrando
as infinitas vezes que você usou
esse olhar castanho-claro?

não que não seja o que há de melhor
esse seu olhar castanho-claro.

algum dia um filho da puta louco
irá matá-la.

e então você gritará meu nome
e finalmente entenderá
o que já devia ter entendido

há muito
tempo.

Entre as poesias selecionadas para o trabalho, essa é a de maior tensão. O ritmo cresce e culmina em um final quase ofegante. A descrição da personagem feminina do poema se resume apenas em um elemento, seu olhar é praticamente personificado e em torno dele se desenvolve toda a criação poética. Bukowski mistura sentimentos de contemplação e raiva pelo, como ele mesmo diz, truque da amante e encerra o poema de maneira catártica. Os versos finais revelam no poeta um sentimento instintivo, é incerto o que querem dizer suas palavras, mas o que as causou está lá: castanho, claro e o que quisermos que seja.

Concepção

Há, na fotografia, dois elementos únicos e suficientes, tronco e personagem, para expressão do poema, uma vez que, não apenas falam por si, mas dialogam simbólica e visualmente para composição da obra. A figura da árvore foi escolhida para elemento central visto sua representação do feminino e do instintivo – propriedades definidoras da mulher de olhos castanho-claros. Porém, da árvore, o que mais confere voz à personagem é sua qualidade de arrancada, tirada do chão. “algum dia um filho da puta louco irá mata-la” diz o poeta conduzido por um sentimento de também instinto, assassinando, assim, a amante pelas mãos de outro. Quer Bukowski ou não dar fim ao feitiço castanho dessa mulher? As raízes do tronco, junto aos braços da personagem, dinamizam a composição, conferindo movimento ao silêncio proposto pela locação.

O enquadramento e locação foram pensados para transmitir um deslocamento da personagem, culminando em maior agonia na cena. A iluminação e plano mais fechado na personagem destacam seus olhos, fundamentais para releitura dessa obra. A interpretação

cênica da modelo é peça-chave e seu olhar e braços constituem os elementos de maior significado: o olhar; misto de medo e encanto e os braços; encontro da personagem com ela mesma. O enforçar-se se constitui símbolo lúdico da obra. A amante, culpada e vítima do próprio olhar.

7.2. dama melancólica

ela fica ali sentada
bebendo vinho
enquanto seu marido
está no trabalho.
ela considera
de suma importância
que seus poemas sejam
publicados
nas pequenas
revistas.
possui dois
ou três de pequenos
volumes de sua poesia
mimeografados.
tem dois ou
três filhos
com idades que vão
de 6 a 15.
já não é mais
a linda mulher que
costumava ser. manda

fotos em que aparece
sentada sobre uma pedra
junto ao oceano
sozinha e condenada.
podia ter estado com ela
uma vez. me pergunto
se ela acha que eu
poderia
salvá-la?

em todos os seus poemas
seu marido jamais
é mencionado.
mas costuma
falar sobre seu
jardim
assim sabemos que está
lá, de alguma maneira,
e que talvez ela
trepe com os botões de rosa
e os tentilhões
antes de escrever
seus poemas.

O poema é inspirado em uma poetiza e divide-se em duas partes, a primeira nos apresenta a uma mulher amargurada e vítima do presente. É possível interpretar que a poesia constitui, a ela, peso igual ou maior que o de sua família, em uma tentativa de fuga, os versos confrontam a realidade e a sobrepõem, estabelecendo o único elemento de esperança em

“dama melancólica”. Isso é confirmado pela revelada correspondência entre a poetiza e nosso poeta alemão: “me pergunto se ela acha que eu poderia salvá-la?”.

Na segunda parte do poema, a solidão da mulher atinge retrato máximo. Depois de nos contar sobre a vida da poetiza, Bukowski nos revela seu jardim. O refúgio de sua vida frustrada é um espaço dentro da própria casa. Claro que a marginalidade e sarcasmo de Charles Bukowski não deixaram de fora a dama traída pelas próprias escolhas, o poeta encerra com o que pode ser encarado como símbolo de carnalidade e vínculo íntimo com a tristeza e solidão da mulher.

Concepção

Nenhum outro cenário seria mais adequado para essa releitura do que um jardim, o próprio Bukowski imagina sua poetiza nesse espaço. Optou-se por um jardim menos convencional, com maior dramaticidade, os elementos ao fundo e na árvore compõem um quadro com maior densidade do que chafarizes e flores poderiam resultar. A gaiola vazia ao fundo representa a condição da poetiza, prisioneira da própria casa.

Foi pensada, para o cenário, uma luz fria, a fim de conversar com a melancolia, já no título, transmitida pela poesia. O traje da modelo também seguiu a mesma linha de pensamento, o tom roxo utilizado remete a uma atmosfera mais escura, porém não menos bonita, visto que estamos falando de uma tristeza poética.

As expressões facial e corporal da mulher focam em desolamento, já as mãos não indicam só entrega, mas, como dito antes, simbolizam o contato da poetiza com nosso poeta observador: mãos que esperam ser salvas e versam flores amarelas. Os pés da mulher estão presos ao jardim ou ela já faz parte de algo que nasceu ali? Algo que apesar de fraco ainda floresce na esperança de resgate.

8. Produção e Cronograma

A produção do projeto – *casting*, busca de locação, figurino, cenário – ficou em minhas mãos. Todo o processo demandou paciência, persistência e adaptabilidade. Ao total foi gasto o valor direto de 380 reais, envolvendo custos com combustível, compra e aluguel de objetos de cenário e figurino.

O cronograma seguiu a média de uma foto por semana, como o proposto inicialmente. Houve atraso, por conta das locações externas e indisponibilidade das modelos, mas dentro da margem de tempo calculada. O fechamento de cada roteiro foi feito na semana anterior a realização da respectiva foto. Concluiu o tempo suficiente para conclusão do projeto em encontro com seu conceito e proposta iniciais.

9. Conclusão

Há lirismo nos poemas de Bukowski? Essa foi a instigação que me levou ao tema do presente projeto. Há lirismo fora da poesia lírica? Não posso fazer da minha verdade, absoluta. Mas não consigo conceber o lirismo unicamente no seu estilo fundador. A poesia nunca é a mesma, regras mudam, conceitos se misturam se absorvem. A poesia ultrapassou seus limites, não é somente de papel e palavras, ela está em tudo e tudo é sua matéria em potencial.

Os versos de Bukowski são feitos de verdade. O poeta de Los Angeles foi aos cantos escuros onde ninguém queria ir. Teve sim uma parte distorcida, que, talvez, foi principal na construção do seu mito. Mas por que nessa parte, tão dele, tão alemã, tão funcionário dos correios, tão viciada, tão real, tão apaixonada, não há lirismo? “Elas em Bukowski” foi concebido não para resgate, mas para revelar o fogo nos versos de Charles Bukowski.

Durante a execução do trabalho ficou em minhas mãos a interpretação cênica das modelos. Dessa forma, apresentei a cada uma a respectiva poesia que iriam trazer ao visual. A reação das modelos foi a mesma, ficaram enobrecidas de representar as mulheres que, antes, pensavam ser apenas símbolo de relação sexual para o poeta. A presença do sexo, do vulgar não implica distanciamento do amor, a Bukowski, foi a aproximação mais plena do sentimento. Ele não saberia fazer de outro jeito, quem olha as margens, habitua-se a procurá-las em tudo. E é certo que o simples ato sexual, o gozar, o barulho do xixi quando mijam está à margem do sentimento.

Para mim, o lirismo está no amor, não importando a forma como se apresenta. É inegável o amor de Bukowski por suas mulheres, no desenvolvimento do trabalho, só confirmei essa certeza. Mergulhei, me afoguei no universo de Charles Bukowski e por essas palavras e fotografias, conto a vocês como foi.

"sei que em alguma noite
em algum quarto
logo
meus dedos abrirão
caminho
através
de cabelos limpos e
macios

canções como as que nenhuma rádio
toca

toda a tristeza, escarnecendo
em correnteza."

(O amor é um cão dos diabos, 76)

10. Bibliografia

BUKOWSKI, Charles. **O amor é um cão dos diabos**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado – 2. ed.** São José do Rio Preto: Bluecom Comunicação, 2010.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio – 1. ed.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BARTHES, Roland. **A Câmera Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

BUKOWSKI, Charles. **Amor é tudo que nós dissemos que não era**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

11. Créditos

Locações: Marta, da Chapada Imperial; Simone, do Amigos do Centro Histórico de Planaltina; Paulo Daniel; Thiago Flores, Dona Maria e Red Empreendimentos Culturais.

Tradução: Felipe Simão.

Fotografia, iluminação e tratamento de imagem: Rafael Facundo.

Assistência de Fotografia e iluminação: Pedro Santos.

Modelos: Julia Lucini, Gabriela Correa, Jéssica Cardoso, Laura Chaer e Tássia Vitória.

12. Anexos

23. A MÚSICA SUAVE

EXPRESSIONES CHAVE:

- NÃO HÁ FERIDAS = { NASCER DO SOL
- MANHÃ = { CADEIRA MEIO DA RUA.
- = SOL NASCENDO / (CAFÉ DE RUA)

- MÚSICA CLÁSSICA = AMBIENTE (NASCER DO SOL, NEBLINA...)

- CIGARRO / SCOTCH = FUMAÇA COMPONDO PAISAGEM *

- AMOR = MULHER À VONTADE

(PLANO COMO DE QUEM OLHA QUARTO DA PORTA)

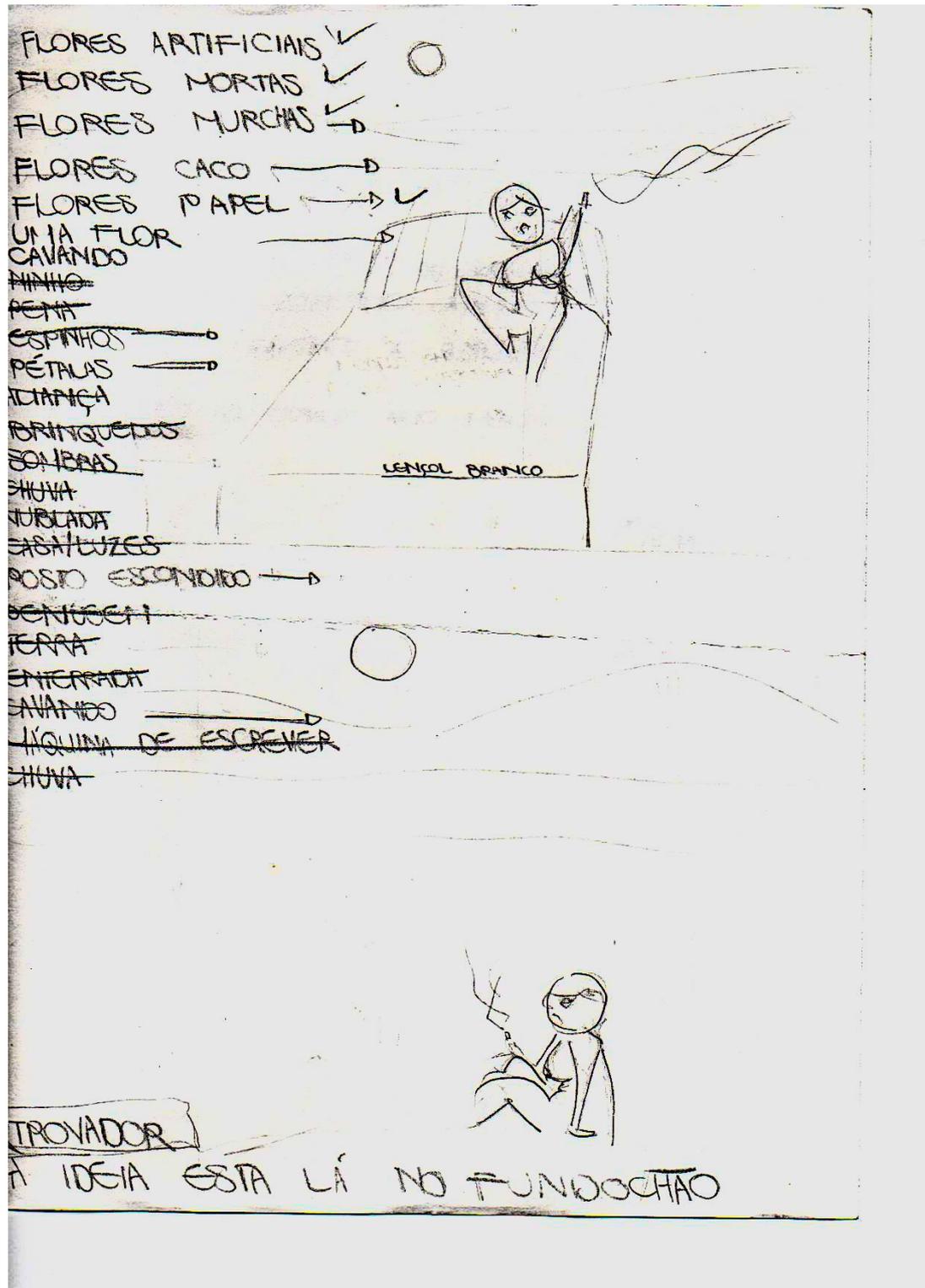
PRODUÇÃO:

- CADEIRA / CAMA *
- MULHER ✓
- LOCAÇÃO
- CIGARRO / SCOTCH
- ROUPA DE DORMIR

- MÚSICA



ANEXO A – Leiaute “a música suave”



ANEXO B – Leiaute “a música suave”

100. DAMA MELANCÓLICA

(2)

PALAVRAS-CHAVE

MARIDO = ALIANÇA, CACO, GAIOLA
 POEMAS (MUITO IMPORTANTE) = FLORES MÃO/CABEÇA, PEITO
 FILHOS = BRINQUEDO
 SALVA-LA (SOZINHA E CONDENADA) = MÃO, SEMBLANTE
 JARDIM (ROSA E TENTILHÕES) = LOCAÇÃO, GAIOLA

ESCREVE

PENSA

SENTE

CENÁRIO

- LUZ MELANCÓLICA, TRISTE, FRIA
- MULHER NUA/VESTIDO LEVE

PRODUÇÃO

- ALIANÇA
- CACO
- GAIOLA ✓
- FLORES
- BRINQUEDO*
- TERRA
- DUREX/LINHA
- FERRAMENTAS JARDIM*



ANEXO C – Leiaute “dama melancólica”

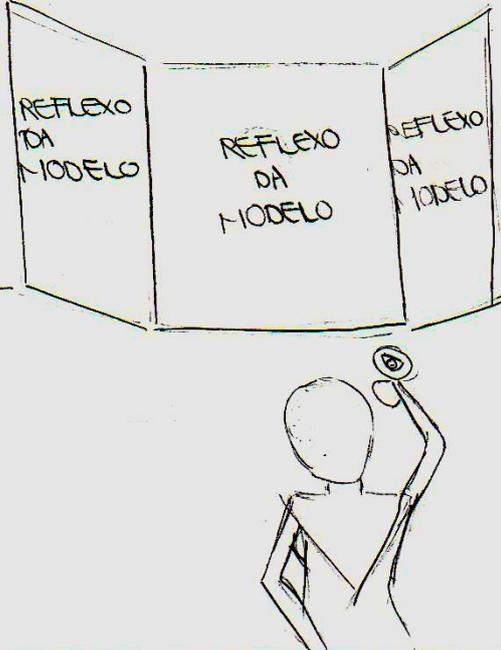
35. ENCURRALADO

EXPRESSIONES - CHAVE :

DISPA
 MANEQUIM = EXPRESSÃO CORPORAL, SEMBLANTE
 ME ESQUECEU = SEMBLANTE
 CRIANÇA
 MORTE = ESPELHOS, OLHAR
 MAIOR

PRODUÇÃO

- ESPELHO DE MÃO
- BARBEARIA (PARA CABELO)
- BANHEIRO COM ARMÁRIO COM ESPELHOS NAS PORTAS



ANEXO D – Leiaute “encurrulado”

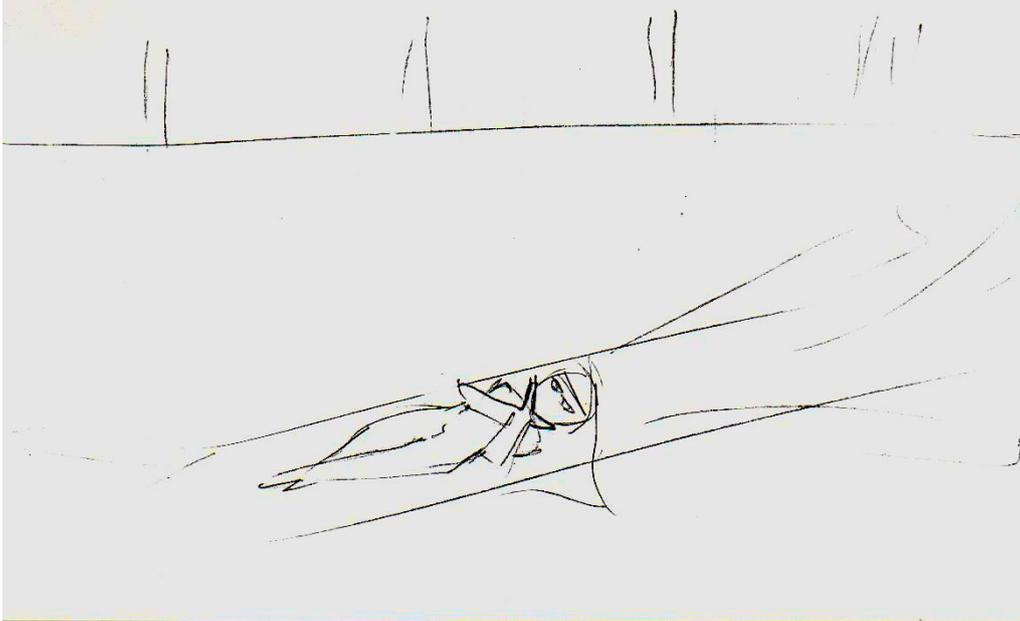
EXPRESSIONES - CHAVE :

CASTANHO - CLARO = OLHAR RESSALTADO
 CLEÓPATRA - LEVE REFERÊNCIA - CABELO, OLHOS
 LOUCO \\
 MATA-LA = MÃOS, OLHAR, SEMBLANTE
 GRITARÁ /

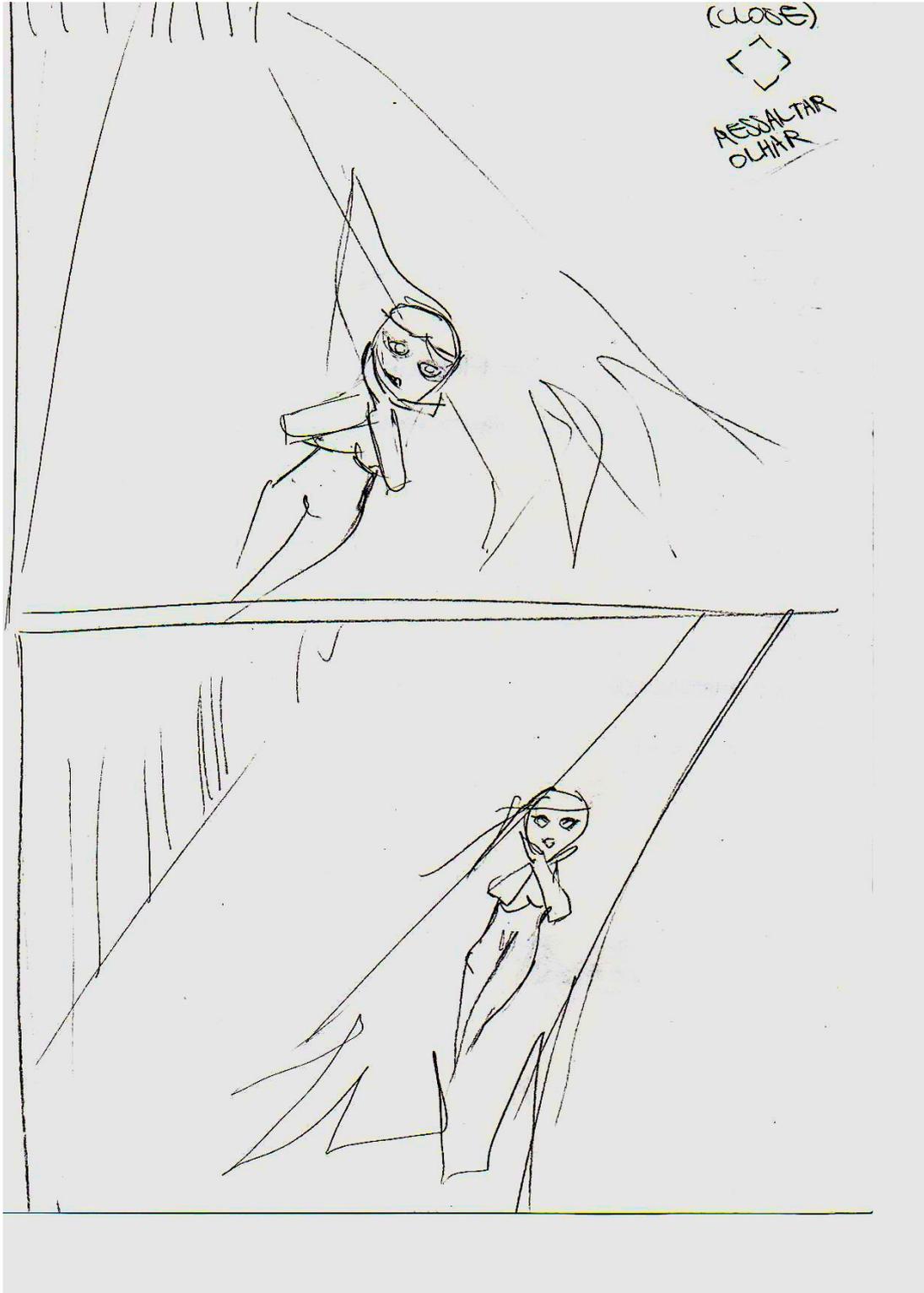
PRODUÇÃO

ÁRVORE
 MARQUIAGEM OLHOS BORRADA

(VISTA DE CIMA)



ANEXO E - Leiaute "castanho-claro"



ANEXO F – Leiaute “castanho claro”

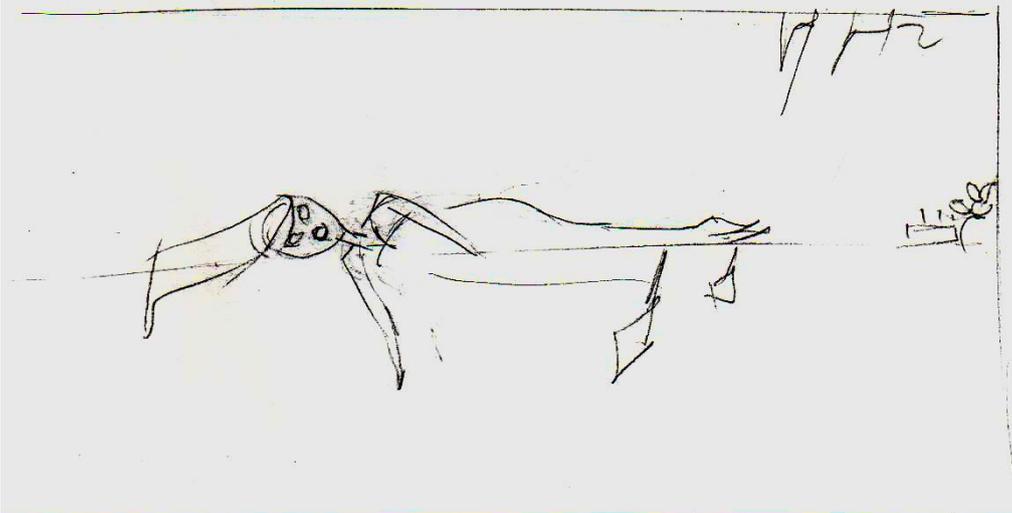
175 . | UMA ASSASSINA

EXPRESSIONES - CHAVE

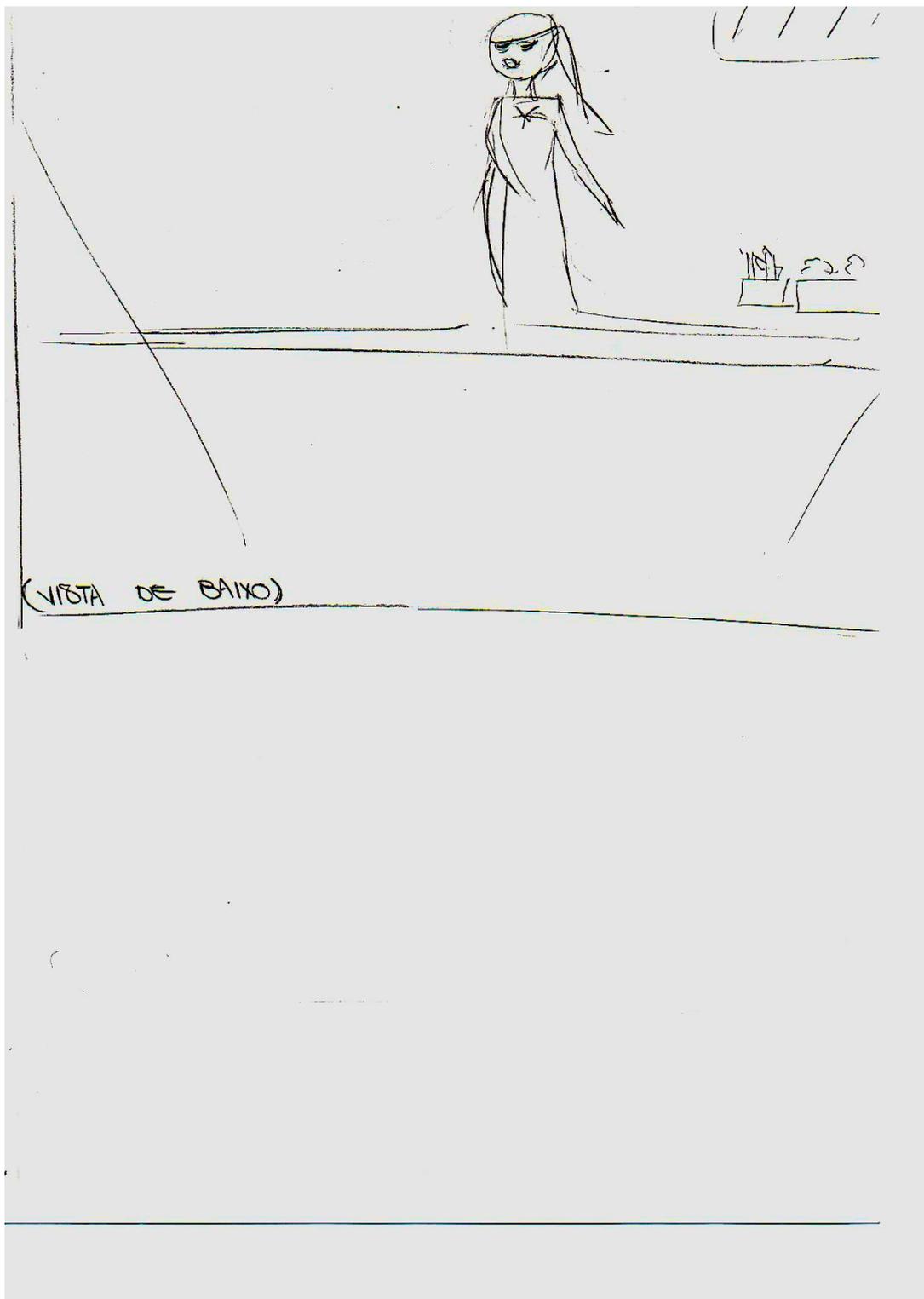
BOCA > BATOM, EXPRESSÃO
 POBRE >
 CORPO PERFEITO = POSIÇÃO DO CORPO
 CABELEIRA LOIRA
 SOL = HORA FOTO
 CONFUNDE/SUBMETER = MARQUIZE, LENÇOL
 CARÍCIA = DEMLANTE
 FLORES = ELEMENTOS "INOCENTES"

PRODUÇÃO

LENÇOL
 ESCADA
 LOCAÇÃO MARQUIZE
 MAQUIAGEM
 COMBRINHA (SOL)



ANEXO G – Leiaute “uma assassina”



ANEXO H – Leiaute “uma assassina”

172 | BRINCOS ENORMESEXPRESSIONES - CHAVE:

APARTAMENTO = LOCAÇÃO

VESTIDA DE MODO CASUAL = FORÇA NO SEMBLANTE E EXPRESSÃO CORPORAL

ENORMES BRINCOS

ESTIRADA = CENÁRIO

CONHECER, MELHOR, QUEIMADO A = CONSTRUÇÃO, ABANDONADA

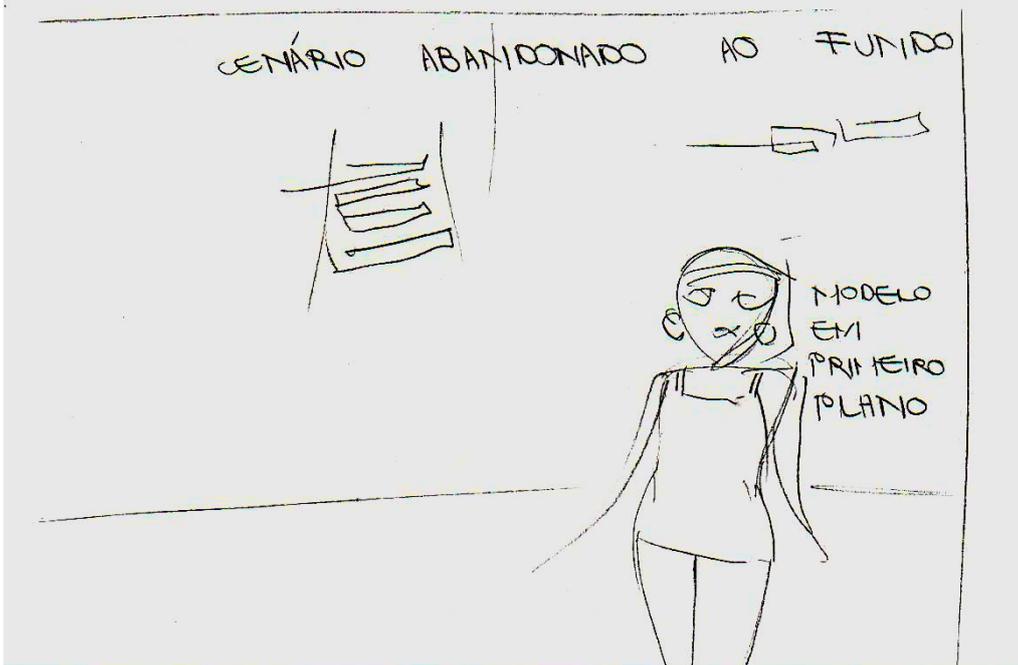
PRODUÇÃO

LOCAÇÃO RESTROÇOS

BRINCOS

ROUPA CASUAL

ESCALADA *



ANEXO I – “Leiaute “brincos enormes”



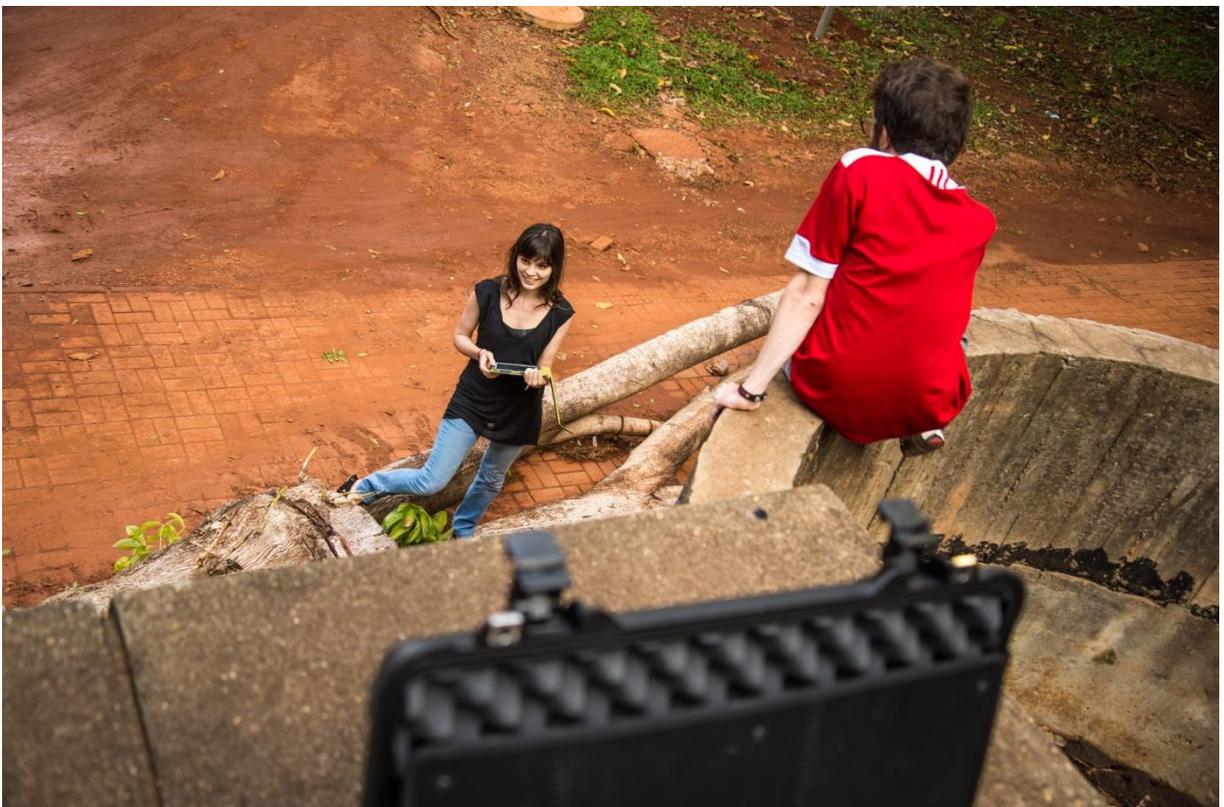
ANEXO J – *Making of “a música suave”*



ANEXO K – *Making of “dama melancólica”*



ANEXO L – Making of “encurrulado”



ANEXO M – Making of “castanho-claro”



ANEXO N – Making of “uma assassina”



ANEXO O – Making of “brincos enormes”